

Mesmo sem a ajuda da ciência, a transmissão do pensamento **tem sido um fato provado experimentalmente** por inúmeras pessoas desde os primórdios da história humana. Aceita-se este fato rotineiramente entre esposos e esposas, pais e filhos e outras pessoas ligadas por uma simpatia mútua. As pessoas primitivas mas perceptivas — não obstante sejam, oficialmente, consideradas subdesenvolvidas — utilizaram por séculos a transmissão de pensamentos. E a literatura sobre o assunto — demasiado volumosa para ser citada aqui — oferece provas concretas de transmissão de pensamentos que poderiam ser recolhidas pelos cientistas para apoiar suas teorias favoritas.

Muitos leitores, indubitavelmente, já terão tido uma experiência pessoal deste tipo. Senão, é provável que tenham amigos de confiança capacitados a lhes fornecer provas do fato.

Na justiça, pelo menos em duas ocasiões, a leitura do pensamento — uma forma de transmissão de pensamento — foi indiscutivelmente provada, o que é muito mais do que se pode afirmar com relação à maioria das teorias científicas. (4)

Durante anos de pesquisa cuidadosa e laboriosa, o famoso Dr. J. B. Rhine, da Universidade de Duke e o Dr. S.G. Soal de Londres (*) fizeram todo o possível para provar estatística e cientificamente a realidade da transmissão do pensamento e outros fenômenos mentais; e conseguiram prová-la para satisfação da maioria das pessoas de mente aberta e dotadas de bom senso que posteriormente estudaram o resultado de suas pesquisas. Entretanto, apesar do nome Percepção Extra-Sensorial (P.E.S.), o fenômeno não foi aceito nem considerado respeitável para as Instituições Científicas devido às razões citadas anteriormente, em especial porque o fenômeno mental não é passível de ser repetido à vontade.

Há boas razões para isto, evidência que até agora escapou à atenção daqueles que riram desta pesquisa. A

* Conferencista Superior de Matemática Pura, Queen Mary College, Universidade de Londres.

primeira é que a Natureza projetou o universo sem consultar aos nossos químicos e físicos e não prestou nenhuma atenção às suas exigências arbitrárias; ela impõe suas próprias normas e condições para o estudo de seus vários fenômenos. Uma dessas normas é que o pensamento reage com o pensamento; **pensamentos hostis, arrogantes ou ultracríticos** podem destruir experiências sensíveis no fenômeno mental tão facilmente como a luz pode tornar inútil um filme fotográfico. Uma mente aberta, uma atitude de mente observadora mas modesta e simpática é tão essencial à pesquisa nos fenômenos mentais como uma câmara escura à pesquisa fotográfica. Uma aproximação hostil, de sabichão, não leva a lugar nenhum.

Indiretamente tem-se certa confirmação disso através de algumas brilhantes pesquisas do Dr. Robert Rosenthal, de Harvard, onde mostrou que os preconceitos — em outras palavras, os pensamentos — de um pesquisador podem influenciar o comportamento de ratos no laboratório. (5) Descobriu que os pesquisadores que foram persuadidos de que seus ratos eram inteligentes conseguiram resultados melhores com seus animais que os pesquisadores convictos de que seus ratos eram ignorantes, embora não houvesse nenhuma diferença entre os próprios ratos.

A fim de fazer justiça ao Dr. Rosenthal e proteger sua fama, deve-se ressaltar que ele **não** afirma que a transmissão de pensamento seja uma explicação. Mas seus resultados experimentais coincidem com os efeitos bem conhecidos de pensamento nos cavalos e cachorros; e sua pesquisa oferece a primeira confirmação **estatística** de que atitudes humanas — ou pensamentos — podem influenciar os animais.

Se a atitude mental de um cientista pode influenciar o comportamento das cobaias, é fácil ver idêntica possibilidade de efeitos desastrosos em alguma pessoa sensível envolvida em um fenômeno mental delicado. Com tantas críticas e revisões de tal pesquisa não é de admirar